sala de aula,vol 15, vozes.2004.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação e da Pedagogia. Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro. LTC, 1978.

ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC,1981.

BAQUERO, Ricardo. Vygotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes

Médicas, 1998.

Autores citados: Erasmo Pilotto,Marcelo Cunha Bueno, Rubem Alves ,Paulo freire, Vigotsky

BAQUERO,Ricardo,Vigotskye a aprendizagem escolar,Porto

Alegre:artMed,1998.

DANIELS,Harry(org).Vigotsky em foco,pressupostos e desdobramentos.São Paulo:papirus,1997

BARRETO, Ângela M. R. Situação atual da educação infantil no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o recenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.

BASTOS. M. H. C. Jardim de Crianças – o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). IN: MONARCHA. C. Educação da infância brasileira 1875 – 1983. Campinas: Autores Associados, 2001.

BARROSO, J. Gestão local da educação: entre o Estado e o mercado, a responsabilização coletiva. In: MACHADO, L.; FERREIRA, N. (Org.). Política e gestão da educação: dois olhares. Rio de Janeiro: DP&A; ANPAE, 2002. BITTAR, M; SILVA, J.; MOTA, M. A.C. Formulação e implementação da política de educação infantil no Brasil. In: Educação infantil, política, formação e prática docente. Campo Grande, MS: UCDB, 2003.

BOMTEMPO, E. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação do imaginário. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. 1990.

Educação e Pesquisa, São Paulo. (ORG). Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte:autêntica,1999.

A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VERÔNICA GERMANO MACHADO MONSALLES

1. INTRODUÇÃO

Os Contos de Fadas provocam emoções em crianças e adultos através da magia e o encantamento.

A contribuição desse estudo é demostrar como os Contos de Fadas, na literatura infantil podem auxiliar na prática pedagógica do professor e no desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicológico, ao provocar alegria, prazer e emoção.

Os contos se tornam um instrumento facilitador na mediação entre professor

e aluno, ao focar em sentimentos como: ódio, inveja, ambição, rejeição e frustrações, temas necessários para formação da personalidade, e que contribuam para o desenvolvimento intelectual.

Segundo Bettelheim (2007), os contos de fadas ao tocar em problemas humanos universais, especialmente problemas que preocupam os pensamentos da criança; transmitem importantes mensagens de resoluções em todos os níveis da mente como consciente, pré-consciente, e à inconsciente.

Para Emerique (2003) através da fantasia a criança constrói uma ponte no tempo, constroem sua história ao repetir o passado, vivendo o presente e projetando o futuro; ao transitar entre o inconsciente e a realidade, onde fantasia e realidades se complementam.

É possível observar o encantamento da criança pelas clássicas histórias que mexem com o imaginário infantil, utilizada nas mais diversas culturas, na esfera familiar e escolar.

Para Souza (2005), a literatura deve ser vista como narrativa da arte: arte de contar, de pensar, de trocas entre sujeitos; de compartilhar experiências. Por este motivo, as narrativas infantis devem ser mantidas junto ao viés social, cultural, político.

A leitura é considerada ferramenta do cidadão para o processo de participação social com a participação em sociedade capaz de interferir e, modificar realidade, em função do processo de letramento. Nesse sentido, a fábula representa uma narração, com a lógica das ações e eventos dos personagens, sobre atitudes e comportamentos.

As narrações de fábulas desde a educação infantil é um excelente recurso na educação com propostas de reflexões sobre aspectos internos da criança como caráter, imaginação, raciocínio, criatividade.

2. METODOLOGIA

Para compreensão deste tema foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa em busca de reflexões e entendimento sobre a importância dos contos e fábulas desde a fase de a educação infantil como importante veículo de desenvolvimento e aprendizagem, emoções no conhecimento de si, e do outro.

Segundo Denzin e Lincoln (1994), o foco da pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística, onde o pesquisador estuda os fatos naturalmente.

A pesquisa qualitativa traz questões teórico metodológicas, adotando métodos de investigações para estudo de um fenômeno, busca o sentido e interpretação de seus significados. “Envolve as ciências humanas e sociais, e apresenta de forma inovadora os resultados de investigações, criando um excitante universo de possibilidades” (CHIZZOTTI, 2003).

Os dados empíricos coletados a partir das bibliografias realizadas relatam a importância de o professor ter subsídios teóricos e práticos que darão suporte a sua prática pedagógica tendo a leitura de contos como importante ferramenta para intervenções nos diferentes processos de desenvolvimento do educando, como for-

ma de ampliar a competência leitora de seus alunos.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Os Contos

Os contos surgiram como poemas essencialmente idealistas e relacionados a valores do ser humano. Segundo Costa (2003), em 1697, valores, e emoções permaneceram sendo recontados nas obras de Jacob e Wilhelm Grimm, (alemães), Charles Perrault (francês) e Hans Cristian Andersen (dinamarquês).

Surge a Literatura Infantil clássica a partir Charles Perrault ao publicar os oito contos da Mamãe Gansa. Em suas obras as fadas são raras. Sua originalidade reside na presença das paisagens francesas, campinas e realidades dos aldeões, damas e cavaleiros. Os personagens geralmente eram modelos da realidade que os rodeavam como amigos, vizinhos e trabalhadores do campo.

Entre 1812 e 1822 na Alemanha, os irmãos Grimm publicaram os contos de fada. Dentre seus principais contos publicados, encontram-se Joãozinho e Maria, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e Rapunzel.

Na Dinamarca, Hans Christian Andersen, considerado o patrono mundial da literatura infantil, por criar os primeiros contos voltados ao público infantil. Publicou entre 1835 e 1872 outros contos como o Soldadinho de Chumbo, A Pequena Sereia, A Menina dos Fósforos, O Patinho Feio.

As histórias apresentadas nos contos sempre apresentam uma problemática existencial. Sua estrutura é baseada em heróis que em um determinado lugar é marcado por acontecimentos que dão destaque à história com a participação de criaturas mágicas. Há presença de madrasta, bruxa feiticeiro. O enredo leva a conquista e o triste fim do personagem do mal, e em contrapartida a celebração da vitória do bem contra o mal onde todos vivem felizes para sempre.

A estrutura expressa, os obstáculos, e provas, que precisam ser vencidas, para que o herói alcance sua auto realização existencial; a superação dos conflitos, seja pelo encontro do seu verdadeiro “eu” ou pela realização da princesa, do herói que representa o ideal a ser alcançado.

Para Coelho (2000), os Contos de Fadas podem ou não contar com a presença de fadas, reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, gigantes, anões. Um aspecto é a possibilidade de apresentar sempre um tempo ou espaço indeterminados, fora da realidade conhecida; incluem-se, aqui, os enredos iniciais de muitas histórias como “Era uma vez...”.

Segundo Góes (1991), os personagens são características marcante na estrutura dos contos de fadas. Observa-se que na sua origem, distinguem-se, no modo como atuam são sempre exageradas; excessivamente boas ou medrosas, belas ou feias, ou perversas, covardes, valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros.

Os contos de fada permitem a superação das adversidades através das superações heroicas, ao vivenciá-los quando

estes se remetem as atrocidades do mundo real, cheio de vilões e lobos-maus.

No Brasil, segundo Coelho (2000), entre os autores que se destacam nesse gênero podemos citar Cecília Meireles e Monteiro Lobato.

Entre os textos escritos os mais conhecidos no Brasil que tiveram sua tradução são: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Os Sete Anões e Branca de Neve, Músicos de Bremen, A Gata Borralheira, A Dama e o Leão, e As Aventuras do Irmão Folgazão. Também se evidenciaram, Alice no país das maravilhas por Lewis Carroll (1865) e Pinóquio. Estes contos não são publicados em sua forma original, já que estes teriam um final muito trágico, considerado por estudiosos sendo "cruel" para as crianças; por este motivo os contos tiveram adaptações que os deixaram com um final "feliz". O trecho escrito por Charles Perrault, exemplifica a versão mais antiga da história de Chapeuzinho Vermelho:

[...] Como a senhora é peluda vovó – exclamou Chapeuzinho. É para te esquentar, minha neta - respondeu o lobo. Que unhas grandes a senhora tem! São para me coçar, minha querida. Que dentes grandes a senhora tem! São para te comer. E então a devorou. Fim. (PERRAULT, 2011:1)

3.2 As Fábulas

As fábulas com histórias de ficção direcionadas ao público adulto, foram criadas com a intenção de transmitir a moral e ética. Na literatura infantil surgiu a modalidade da fábula direcionada a crianças, mas o que ocorreu foi a adaptação dos contos dos adultos às crianças. As fábulas, contam suas histórias com ações e resoluções de situações problema; sendo consideradas essencialmente moralistas.

As fábulas têm sua origem tão remota que é difícil fixá-la, mas sabemos que foi Esopo, no século VI a.C., na Grécia antiga, o responsável por introduzir as fábulas na tradição escrita. Muitos séculos depois, a escrita das fábulas foi retomada por diversos escritores do mundo inteiro, sendo que, no século XVII, coube ao acadêmico francês La Fontaine, o redimensionamento e a renovação desse gênero tão antigo. (ABÍLIO E MATTOS, 2006, p.51)

Coelho (2000), ressalta que os contos de fadas de origem celta que apareceram inicialmente como poemas, se diferenciam das fábulas na medida que são compostos pela existência de um eixo gerador uma problemática existencial, na qual o herói deve vencer provas para que alcance sua autorrealização.

Abílio e Mattos (2006), argumentam que Monteiro Lobato (1882- 1948) na primeira metade do século XX, já trabalhava com fábula em seu processo de criar uma literatura brasileira direcionada para o público de crianças e jovens. No seu livro

"Fábulas", reconta as fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine, e outras de sua autoria, como: A garça velha, As duas cachorras e As duas panelas. A cada narrativa, proporciona discussões e reflexões que a fábula provoca no círculo de personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo.

A fábula semelhante ao conto em sua extensão e estrutura narrativa. O diferencial se dá, principalmente, no objetivo

do texto.

Na Fábula "A cigarra e a formiga", a Cigarra, morre de fome no inverno, implora à formiga que lhe dê um pouco da comida que acumulou arduamente durante o verão. A formiga pergunta o que a cigarra esteve fazendo durante o verão. Ao saber que a cigarra cantava e não trabalhava, a formiga rejeita seu pedido dizendo. O final exemplifica as fábulas, afirma explicitamente uma verdade moral; não há significado oculto, sem permissão à imaginação, as respostas a resolução já estão prontas.

Segundo Bettelheim (2007), a criança identifica-se com os personagens, e ao se identificar com a Cigarra por exemplo; não lhe resta esperança de acordo com o desenrolar da fábula. Para a cigarra dominada pelo princípio do prazer, não há o que esperar a não ser a sua condenação. Feito uma escolha do personagem, estabelecem-se os resultados para sempre sem modificação. Nas fábulas a formiga é um animal sórdido, sem compaixão pelo sofrimento da cigarra, e justamente a personalidade desta figura se torna exemplo para criança.

A proposta da utilização de fábulas poderá desencadear reflexões e discussões em torno de temáticas como solidariedade, injustiça social, vaidade, ganância, vingança, o autoritarismo.

Bagno (2006), justifica a presença deste gênero literário já nos primeiros anos escolares, ao considerar a fábula uma narrativa indicada para a fase inicial de alfabetização e letramento. As fábulas aliadas, para o desenvolvimento da língua oral, e escrita; assim como sua importância na perspectiva sociológica e antropológica, ao provocar análise a respeito de comportamentos sociais e de personalidades.

3.3 A Literatura Infantil e Letramento

Soares (1998) argumenta que o termo letramento surgiu em meados de 1980 no Brasil, com intuito de nomear um fenômeno distinto da alfabetização, na medida em que o termo alfabetização não era mais suficiente para suprir o significado de codificar, decodificar e fazer o uso deste código. Desta forma, o termo alfabetizar significa codificação e decodificação do código escrito, enquanto o termo letramento designa o sujeito que é capaz de fazer o uso do código escrito (ler e interpretar) e, consegue lidar com as demandas sociais, o que possibilita sua inserção social. A palavra “letramento” introduzida na língua portuguesa, usada pela primeira vez por

Mary Kato em “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, em 1986. O conceito “alfabetizado” bem mais antigo vigorou até o Censo de 1940, sendo que era considerado como alfabetizado aquele que declarasse saber ler e escrever o próprio nome. Porém, este conceito mudou anos depois, uma vez que para ser considerado alfabetizado o indivíduo deveria ser capaz de ler e escrever um bilhete simples. Um indivíduo letrado se refere àquele que sabe fazer o uso deste código inserindo-se na sociedade. Segundo Soares (1998), o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar ler e escrever e ensinar a prática social de leitura.

A literatura infantil se enquadra no

quesito letramento, pois ela faz emergir a cultura letrada na criança, na medida que esta é ensinada a ter compreensão dos textos. “Ler é como viajar, como seguir um itinerário através de um universo de signos [...] por uma viagem que converte o viajante em outro, diferente daquele que havia partido” (FREIRE, 2003).

Os contos ajudam a criança a elaborar melhor os sentimentos negativos tão comuns na primeira infância, como o medo, a frustração, o abandono, a rejeição, entre outros. Nada derruba a magia da antiga fórmula “era uma vez...” que chega aos ouvidos de uma criança, através dos contos de fadas e transforma a sua realidade.

Nos contos, a bruxa, o lobo, o pirata e outros personagens maus, que representam sentimentos ruins, ao lhes desejar a morte não é atitude de violência, mas a necessidade de acabar com estes sentimentos ruins. É preciso lembrar que nas histórias a morte não é violência, é o símbolo da transformação que ajuda a criança a elaborar os sentimentos ou sensações que a incomodam.

As histórias demonstram sentimentos e sensações como a ingenuidade, a feiura, o medo, a inexperiência, a insegurança, a rejeição, a culpa, a dor.

Granadeiro (2003) enfatiza que nos primeiros anos da infância, a criança assimila facilmente enredos que tenham crianças como personagens ou animais com características humanas, como fala e sentimentos.

O educador ao trabalhar com as histórias infantis, amplia a imaginação e compreensão do mundo, ao tornar a atividade pedagógica prazerosa, interessante, criativa e atraente ao utilizar, além da leitura oral, as gravuras e dramatizações com fantoches.

Vinha (2003), sugere reflexões ao educador sobre sua prática ao apresentar uma história como; escolher com antecedência os textos; recriar o texto na linguagem oral; elaborar questões semiestruturadas, utilizar recursos pedagógicos para o ato de contar histórias; conversar antes sobre os personagens.

Ao ouvir histórias, as crianças pequenas iniciam o processo da construção da linguagem, ideias, valores e sentimentos, ajudando-as na sua formação como pessoa.

Aponta Abramovich (2004), as histórias infantis representam importantes formas de expressão, além de contribuir na construção do desenvolvimento moral, ajudando-a conhecer o mundo e tomarem consciência dos seus próprios valores.

Os contos de fadas oferecem novas dimensões à imaginação. O inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Quando o inconsciente está reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, a mente consciente será parcialmente sobrepujada pelos derivativos destes elementos inconscientes.

Nos contos ninguém tem nome; as figuras principais permanecem anônimas. São referidos como "pai", "mãe", "madrasta", embora possam ser descritos como "um pobre pescador", "um rei" e "uma rainha", são disfarces leves para pai e mãe, assim como o são "princesa" fadas e feiticeiras, gigantes que ao permanecerem sem nome, facilita as projeções e identifi-

cações.

Segundo Bagno (2006), as fábulas podem ser vistas como uma importante aliada tanto para o trabalho pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita, quanto para um trabalho numa perspectiva sociológica e antropológica, visto que oferecem toda uma análise e ou explicação para inúmeros comportamentos sociais e de traços de personalidade dos indivíduos. O que justifica a presença deste gênero literário já nos primeiros anos escolares.

A fábula, por muitos séculos e ainda hoje exerce um papel preponderante como suporte na sala de aula na transmissão de conhecimentos relacionados à moral e aos bons costumes. É um gênero textual muito interessante, divertido, agradável e convidativo para ser trabalhado na educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É considerável as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança em processo de alfabetização e letramento assim como na formação das crianças com a utilização dos contos de fadas e fábulas, distinguindo as atitudes das personagens e construindo as suas próprias, alicerçando sua formação.

Fica evidente que a literatura infantil proporciona à criança um aprendizado que reflete em seu cotidiano e nas matérias que se referem ao letramento, de forma que ao tomar gosto pela literatura a criança também se aproximará da leitura e da escrita.

Freire (1994) argumenta que toda prática de alfabetização é uma prática conscientizadora que permite ao sujeito, por meio da leitura do mundo e da palavra, ir transformando sua consciência ingênua em consciência crítica.

Os lugares mais estranhos, mais antigos, mais distantes, e ao mesmo tempo mais familiares de que fala um conto de fadas, sugerem uma viagem ao interior de nossa mente, nos domínios da inconsciência e do inconsciente.

O trabalho com a leitura de fábulas e contos quando constante é capaz de auxiliar na formação de leitores competentes desde a educação infantil.

A fábula traz reflexões sobre o comportamento humano, exigindo do professor uma participação crítica, levando os educandos a realizarem uma leitura reflexiva de forma que percebam a ação dos personagens.

Os contos e fábulas como recurso didático para incentivar a leitura e a produção de texto é de extrema importância para a formação de leitores críticos e autônomos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, Eleonora Cretton; MATTOS, Margareth Silva de. Letramento e Leitura da

Literatura. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. Práticas de Leitura e Escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e bobices. 5a Ed. São Paulo: Scipione, 2006